

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	PA	01	04	14	F11	01
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Quilombos de Oriximiná
LOCALIDADE	Território Quilombola Boa Vista
MUNICÍPIO / UF	Oriximiná / PA

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PA	01	04	14	F11	01
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----



Entrada de Boa Vista, INRC Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 20/04/2013.



Artesanato de trançados de Boa Vista, INRC Quilombos de Oriximiná. Jesus, Elielma de. Oriximiná-PA, 07/07/2013.



Artesanato de barro de Boa Vista, INRC Quilombos de Oriximiná. Jesus, Elielma de. Oriximiná-PA, 07/07/2013.



Artesanato de barro de Boa Vista, INRC Quilombos de Oriximiná. Jesus, Elielma de. Oriximiná-PA, 07/07/2013.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS.

SÍNTESE

De um modo geral o território quilombola de Boa Vista, formado pela comunidade de mesmo nome, apresenta características sociais e referências culturais semelhantes às demais áreas quilombolas de Oriximiná, principalmente no que tange ao universo das histórias e memórias coletivas dos moradores. No entanto, o grau de interferência de modos de vida urbanos – caracterizados pelo trabalho assalariado, pela economia monetizada e pelo alto consumo de bens industrializados, entre outros aspectos – se faz sentir nesta localidade mais forte que em qualquer outra pesquisada.

Essa situação deve-se ao fato de que o território, além de ser contíguo à cidade-enclave de Porto Trombetas, possui área muito reduzida em relação aos seus congêneres, o que restringe sobremaneira a realização das atividades agroextrativas que caracterizam a economia tradicional das comunidades quilombolas do município – como a coleta de

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	04	14	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

castanha, a extração de copaíba, a agricultura de subsistência, a pesca e a caça, por exemplo. Tais atividades, para se desenvolverem de forma a conciliarem a conservação dos recursos naturais com o atendimento das demandas sociais, requerem amplas extensões de terras, florestas e rios. Como o território de Boa Vista é exíguo, o desenvolvimento dessas atividades fica comprometido, obrigando os moradores a buscarem outros meios de subsistência fora da economia tradicional praticada por seus parentes em outras localidades do Trombetas. Por outro lado, é grande a demanda de mão-de-obra pouco qualificada e barata para serviços braçais na cidade administrada pela Mineração Rio do Norte.

Nesse contexto a população local volta-se prioritariamente para a prestação de serviços à mineradora, caracterizando-se Boa Vista como uma comunidade assalariada semelhante a muitas outras que são estabelecidas em áreas urbanas. Da mesma forma, padece como elas de problemas sociais agravados pelo quadro de pobreza material, dependência econômica dos empregadores e precariedade dos serviços públicos que lhe são oferecidos. Paradoxalmente, trata-se do primeiro território quilombola titulado no Brasil.

Das referências culturais encontradas na localidade destacam-se as que se seguem.

Celebrações

Festa de São José

São José é reverenciado como padroeiro de Boa Vista desde que a família Honório doou uma imagem do santo para culto dos moradores da localidade. Os festejos em sua homenagem, porém, só foram iniciados a partir da organização formal da comunidade, isto é, o momento em que a localidade foi reconhecida como uma “comunidade”, que corresponde ao período de sua fundação oficial com apoio da Igreja Católica, em fins da década de 1980.

A celebração envolve a realização de um círio fluvial desde a sua primeira comemoração. Segundo a moradora Elzanira Gonçalves o primeiro círio partiu da comunidade do Moura e nele a imagem de São José foi conduzida até o Boa Vista por uma corveta acompanhada por barquinhas iluminadas por velas. Ainda segundo ela, a festa costumava durar dois dias inteiros e incluía levantamento e derrubada do mastro, ladainha cantada pelos foliões e refeições gratuitas para todos os presentes. Na verdade, todos os alimentos e bebidas (beiju, macaxeira, garapa, carnes) servidos na festa eram doados por moradores que os ofertavam ao santo, para serem partilhados entre os festeiros.

Esse quadro mudou, de acordo com sua vizinha Maria Zuleide, pois já não há muitos rezadores de ladainhas, a população assalariada não tem tempo para festejos longos e nem produz alimentos que possa doar para a realização da partilha tradicional. Os ritos em torno do mastro também foram abandonados desde que, numa certa festa, o juiz não compareceu para organizar o mastro, ficando o mesmo sem dono. Explica-se: nas festas tradicionais o mastro é sempre enfeitado com uma bandeira no topo e, durante a sua derrubada, quem pega essa bandeira torna-se o “juiz” responsável pelo mastro da festa seguinte.

Atualmente a festa envolve apenas o círio fluvial e apresentações de danças folclóricas e de bandas que vêm da cidade de Oriximiná, em geral.

Além da celebração de São José, registram-se em Boa Vista festas do Dia da Consciência Negra, festas juninas e natalinas, como, de praxe, ocorre nas demais localidades quilombolas de Oriximiná.

Ofícios

Artesanato de barro

Dentre os ofícios considerados como referências culturais das comunidades quilombolas, a produção de artesanato em barro é o que marca a localidade de Boa Vista. Ela, assim como o Moura, esteve envolvida num projeto cultural realizado pela MRN em parceria com o Museu Paraense Emílio Goeldi com o objetivo de apoiar comunitários no desenvolvimento da produção artesanal de objetos de cerâmica inspirados em artefatos arqueológicos Konduri.

Por intermédio do projeto algumas mulheres da comunidade de Boa Vista passaram a se dedicar à confecção de objetos decorativos e utilitários, destinados principalmente para o comércio fora da região. Para divulgar e apoiar a comercialização de seu trabalho um barracão foi inaugurado em abril de 2013 na comunidade. Batizado como Espaço Cultural Konduri, ele está à disposição dos artesãos dos territórios Boa Vista, Moura e Jamary-Último Quilombo. Contudo, apesar dessa medida, as artesãs de Boa Vista ainda se ressentem da dificuldade de escoar sua produção.

Além do artesanato de barro, há na comunidade de Boa Vista artesãos que produzem objetos decorativos, brinquedos e pequenos utensílios de cozinha, todos em madeira.

Formas de expressão

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	04	14	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

As histórias relacionadas a encantarias estão muito presentes no cotidiano dos moradores do Boa Vista. Maria Zuleide exemplifica esse universo narrativo com histórias de um pirarucu e um boto encantados que boiavam no lago:

Eles eram parceiros aí dentro desse laguinho. Quando a gente via o boto, via o pirarucu. Era grande e o boto também. O boto era vermelho. Secava a boca do laguinho, eles ficavam pro lado de dentro. Botavam malhadeira pra pegar, quando era de manhã o boto mergulhava do lado de fora do laguinho e o pirarucu também, como quem diz: 'Olha, eu vou boiar do lado de fora do laguinho pra ti saber que eu não caio na malhadeira de vocês'. A gente pensa que tem um subterrâneo aí por baixo pra eles passarem. Eles nunca caíram na malhadeira, ninguém matou eles e eles desapareceram. Eu não sei se eles tão no encanto deles (Maria Zuleide, Boa Vista, 07.07.2013).

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Localização e acesso

Primeiro território quilombola titulado no Brasil, em 20 de novembro de 1995, o Território Boa Vista situa-se no Município de Oriximiná, Microrregião de Óbidos, Mesorregião do Baixo Amazonas, Região Oeste do Pará. O território, de 1.125,9341 hectares, é contíguo à cidade-enclave de Porto Trombetas, administrada pela empresa Mineração Rio do Norte (MRN), e fica no entorno da Reserva Biológica do Trombetas. Integrado à Gleba Trombetas, seus limites são: ao norte, o Rio Trombetas, a Enseada do Caripé, Bom Princípio e Patauí; a leste, o Igarapé Água Fria; ao sul, o Igarapé Água Fria e a Floresta Nacional de Saracá-Taquera; e a oeste, o Igarapé Patauí e outro igarapé sem denominação.

A comunidade do Boa Vista ocupa toda a área do território titulado, e também parte da área do Lago Erepecu, do território Jamarý-Último Quilombo. Sediada no alto de um barranco, bem próxima à cidade, o acesso a ela é feito por via fluvial, em embarcações de pequeno a grande porte. De Oriximiná até a localidade percorrem-se cerca de seis horas de viagem, dependendo da embarcação utilizada.

Não há rotas regulares de barcos de linha para a comunidade, mas a maioria dos moradores possui embarcação (canoa, bajara, rabeta, barco) para deslocamento próprio dentro dos limites do território e entre este e a cidade de Porto Trombetas e as comunidades vizinhas.

População

Segundo dados locais, em 1995 o território abrigava aproximadamente 112 famílias; em 2006 esse número havia crescido para cerca de 140 e, em 2007, para a média de 150. Não há dados censitários atuais, mas, de acordo com a percepção dos moradores a tendência de crescimento continuou.

A população distribui-se em todas as faixas etárias, de zero a mais de 70 anos, havendo uma concentração maior no número de crianças e adultos jovens. Em sua composição destacam-se moradores nascidos na própria localidade, seguidos por indivíduos originários de outros territórios quilombolas do alto curso do Rio Trombetas, que com os primeiros compõem a maioria da população. Além destes, há outros moradores, em menor número, vindos de comunidades não quilombolas da região e até mesmo de outras cidades como Santarém, Manaus, Óbidos, Faro e Terra Santa.

Infraestrutura

Boa Vista possui infraestrutura dotada de barracão comunitário, casa de farinha e escola. A água para consumo vem diretamente do Rio Trombetas, sem tratamento, mas algumas pessoas vão buscar água tratada em Porto Trombetas para levar para casa e outras usam água de poços. O saneamento é do tipo valeta e os sanitários possuem buracos cavados no chão. O lixo é enterrado e, em parte, segue para Porto Trombetas. A comunicação com o exterior da comunidade é feita por aparelhos de telefonia celular.

Trabalho

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	04	14	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

Cerca de 75% dos trabalhadores ativos da comunidade realizam trabalhos informais ou estão empregados em baixos postos da MRN e de empresas que lhe prestam serviços, na cidade-enclave de Porto Trombetas. Chama atenção no Boa Vista, em distinção a outras comunidades quilombolas da região, certo abandono dos modos de vida e das atividades produtivas tradicionais (pesca, roça, extrativismo) em função da opção de grande parte da população pelo trabalho assalariado.

Educação

Desde 1991 o ensino foi municipalizado na localidade e atualmente a Escola São José oferece até a 4ª série do nível fundamental a cerca de 200 estudantes. Hoje a escola conta com prédio em alvenaria, água encanada, sanitário, transporte escolar, merenda para todos os alunos e cerca de 10 professores. No passado, porém, funcionava numa construção de palha com apoio de alguns professores contratados pela MRN e, como merenda, servia apenas pão e suco às crianças.

A partir da 5ª série os estudantes seguem para a Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na comunidade quilombola do Moura, ou podem frequentar a Escola Professor Jonathas Ponte Mathias, em Porto Trombetas.

Saúde

Os comunitários do Boa Vista são atendidos no sistema de saúde de Porto Trombetas e contam com o hospital da MRN para exames, internações e demais procedimentos médicos cabíveis em casos de doenças que não possam ser tratadas em casa com os recursos do conhecimento tradicional sobre plantas dotadas de propriedades curativas.

Religião

A maioria da população de Boa Vista é católica, mas o número de evangélicos tem crescido nos últimos anos, assim como em outras comunidades do entorno. Estima-se que hoje estes representem mais de 25% dos moradores.

Organização social e política

Os moradores do Boa Vista participam de organizações sociais como associações, cooperativas (COOPERBOA), grupos religiosos e grupos informais como o de mulheres produtoras de artesanato em barro.

Do ponto de vista da representação política quilombola, os moradores são filiados à Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Boa Vista, que é filiada à Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO).

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Características gerais

O território Boa Vista compõe-se de áreas intensamente antropizadas. A comunidade ocupa toda a área do território e ainda uma parte do território Jamary-Último Quilombo, no Lago do Erepecu. As casas estão situadas no alto de um barranco e são tanto mais numerosas quanto mais próximas do porto da MRN na cidade de Porto Trombetas.

O principal recurso hídrico do território é o Rio Trombetas, que se destaca na paisagem local. A vegetação originária – floresta ombrófila densa – deu lugar a áreas de capoeira e roçado ou de solo exposto.

Exploração de recursos ambientais

Apesar da forte dependência econômica em relação à MRN, os moradores de Boa Vista ainda praticam algumas atividades produtivas agroextrativas que são tradicionais na maioria das comunidades quilombolas do município de Oriximiná, embora em menor escala que nas demais localidades pesquisadas.

A agricultura familiar é praticada para o autoconsumo e, raramente, para comercialização em pequena escala. O principal cultivo na localidade é a mandioca, mas também se planta macaxeira, banana, manga e outras frutíferas. O sistema de plantio é tradicional e baseado na abertura de capoeiras e queima.

As práticas extrativistas têm como principais produtos a castanha, o açaí, a copaíba, o breu e os cipós.

A caça é realizada exclusivamente para subsistência e inclui a captura de animais como anta, paca, cotia, queixada, macaco, mutum, veado e tatu. Quelônios como tracajás e jabotis também são muito visados. Como o estoque de animais silvestres tem decaído, em função da proximidade com a cidade e do aumento das pressões

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	04	14	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

ambientais na localidade, muitos moradores têm substituído a caça pela criação de pequenos animais como galinhas, patos e porcos; outros criam algumas cabeças de gado. As criações são familiares e visam à subsistência.

A pesca é uma atividade importante, embora venha sofrendo decréscimos assim como a caça. O sistema de pesca é artesanal e voltado para o consumo familiar.

Progressivamente a caça e a pesca vêm sendo substituídas pela compra de frangos e carne de gado nos mercados e açougues da cidade de Porto Trombetas.

Conflitos ambientais

Os conflitos ambientais envolvendo o território Boa Vista são sensíveis desde que uma área 65.552 hectares na margem direita do Rio Trombetas foi concedida pelo Governo Federal à MRN para o projeto de beneficiamento primário de bauxita, em 1967. Agravaram-se dez anos depois, com a realização de uma segunda doação, feita pelo Incra, de mais 87.528 hectares para a empresa. Nas áreas concedidas havia cedro, acapu, castanha e cacau, recursos dos quais se serviam os remanescentes de quilombos da atual área do Boa Vista.

O início das obras da MRN nos anos 1970 aumentou a tensão e a insegurança desses antigos ocupantes do Rio Trombetas, enquanto as elites locais acolhiam o projeto de mineração em nome do progresso e do desenvolvimento local. A promessa de geração de emprego e de renda fez com que o projeto conquistasse adesões no espaço urbano e nas comunidades locais, mas, com o decorrer do tempo, estas perceberam que os eventuais benefícios obtidos não compensavam os reveses sofridos em relação a aspectos como:

- perda de liberdade de deslocamento em meio às áreas que costumavam explorar, agora cedidas para o empreendimento minerário, em especial as áreas dos platôs concedidas para lavra e área ribeirinha destinada à construção do porto de Porto Trombetas. Essas áreas destinadas a alojar a *company town*, assim como os platôs que se transformariam em minas, foram consideradas espaços vazios, terras devolutas, sem habitantes ou usos, e os negros não tiveram direitos reconhecidos no processo de instalação da mineração na localidade;
- degradação de lagos (como o Lago do Batata) devido à emissão de rejeitos da mineração, com restrição da potabilidade da água e mortandade de peixes e consequentes malefícios à saúde da população;
- aumento da poluição do ar pelo refinamento da alumina (no beneficiamento da bauxita), provocando doenças respiratórias na população local;
- desmatamento acelerado (em 2009 Boa Vista tinha 33,3% de seu território desmatado, segundo a CPI-SP) relacionado ao aumento da pressão demográfica provocada pelos fluxos de migrantes em busca de trabalho na MRN.

A criação de Unidades de Conservação no entorno da localidade – a Flona de Saracá-Taquera e a Reserva Biológica do Trombetas – agravou o quadro de desestruturação da vida social, econômica e cultural dos moradores de Boa Vista, restringindo-lhes as possibilidades de caça, abertura de roçados e acesso a produtos da floresta.

Privados dos meios de produção da própria subsistência, os moradores do Boa Vista tornaram-se, como já exposto acima, altamente dependentes da economia de Porto Trombetas. A única escolha que lhes restou ao fim dos anos 1980 foi submeter-se totalmente ao controle da mineradora como empregados ou clientes dos programas sociais.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Como os demais territórios quilombolas pesquisados, Boa Vista não apresenta edificações especialmente significativas. Com efeito, são poucos os marcos construídos na localidade, incluindo-se as casas de moradia, a escola, os templos religiosos e os barracões de uso comunitário (para reuniões e festividades), cuja importância é a mesma que se verifica no conjunto das comunidades da região.

Ressalte-se que as casas são feitas de madeira, na maioria, e cobertas de telhas de fibrocimento onduladas ou de cerâmica (em menor número). A palha, que no passado foi muito utilizada nas construções, praticamente não se vê mais. Em contrapartida, o uso da alvenaria nas construções domésticas vem crescendo consideravelmente.

A edificação que sobressai do conjunto e aparece como referência singular do território Boa Vista é o Espaço Cultural Konduri, que corresponde ao barracão destinado para produção, guarda, divulgação e comercialização do artesanato de barro produzido na localidade, que foi inaugurado em abril de 2013 pela MRN.

É importante assinalar um marco edificado que, apesar de não estar localizado no território, interfere sobremaneira em sua paisagem e na vida cotidiana da comunidade. Trata-se do porto da cidade mineradora de Porto

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	04	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Trombetas, cujas instalações se destacam no ambiente local. Além dos impactos ao meio físico, o porto tornou-se atrativo de fluxos migratórios que contribuíram para a formação de “beiradões” favelizados nas áreas de entorno, inclusive na comunidade de Boa Vista.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

5.1. RESUMO

A formação histórica da comunidade de Boa Vista é semelhante à de outras comunidades quilombolas que se originaram dos mocambos instalados no alto curso encachoeirado do Rio Trombetas por negros fugidos da escravidão no século XIX, os quais, após a abolição da escravatura em 1888, vieram se estabelecer em núcleos de povoamento em zonas mais baixas do rio, mais próximas às cidades com as quais mantinham relações comerciais.

Os mais antigos registros escritos de Boa Vista datam da passagem do século XIX para o XX. Henri Coudreau, viajante francês que percorreu o Rio Trombetas em 1900, foi um dos primeiros a relatar a presença de habitantes negros “que se beneficiavam dos ricos castanhais existentes nas cercanias, praticavam agricultura e eram conhecidos inclusive pelo cacau que plantavam em abundância” (ACEVEDO E CASTRO, 1993, p, 183).

Os registros da memória coletiva dos atuais moradores corroboram as impressões de Coudreau e referem a existência de Boa Vista desde pelo menos a última década dos 1800. De acordo com a quilombola Elzanira Gonçalves Santos, o núcleo de povoamento que deu origem à comunidade foi estabelecido por José Honório dos Santos, que fugiu da escravidão para o município de Alenquer e de lá para a localidade. Segundo ela, esse senhor fundou a comunidade e deu-lhe o nome atual “por ser um lugar de muita visão. Diziam os contos que ele contava, que ele subia no galho de uma árvore e de lá ele tinha uma boa visão. Pra todos os lados que ele olhasse, ele enxergava bem, e é verdade”.

Boa Vista era constituída originalmente por um núcleo de oito famílias que sobreviviam da agricultura, da pesca e do extrativismo da castanha e madeira. Reconheciam-se apenas como uma localidade, antes da fundação oficial da comunidade no fim dos anos 1980, a qual foi incentivada pela Igreja Católica como medida de organização coletiva para o enfrentamento dos conflitos ambientais e das pressões sociais exercidas pelos projetos minerários e pela criação de Unidades de Conservação federais no entorno do Boa Vista.

Segundo Maria Zuleide Melo dos Santos, a fundação da comunidade ocorreu num dia 17 de abril, durante a Semana Santa de um ano que não se soube precisar. Um padre chamado Francisco, vindo de Óbidos, realizou uma missa debaixo de um cajueiro, benzeu o local e assim oficializou a fundação da comunidade: “depois da vinda do padre é que ela se tornou se uma comunidade jurídica mesmo assinada pela igreja”.

Em 1995 a comunidade quilombola do Boa Vista obteve a titulação do território que ocupa.

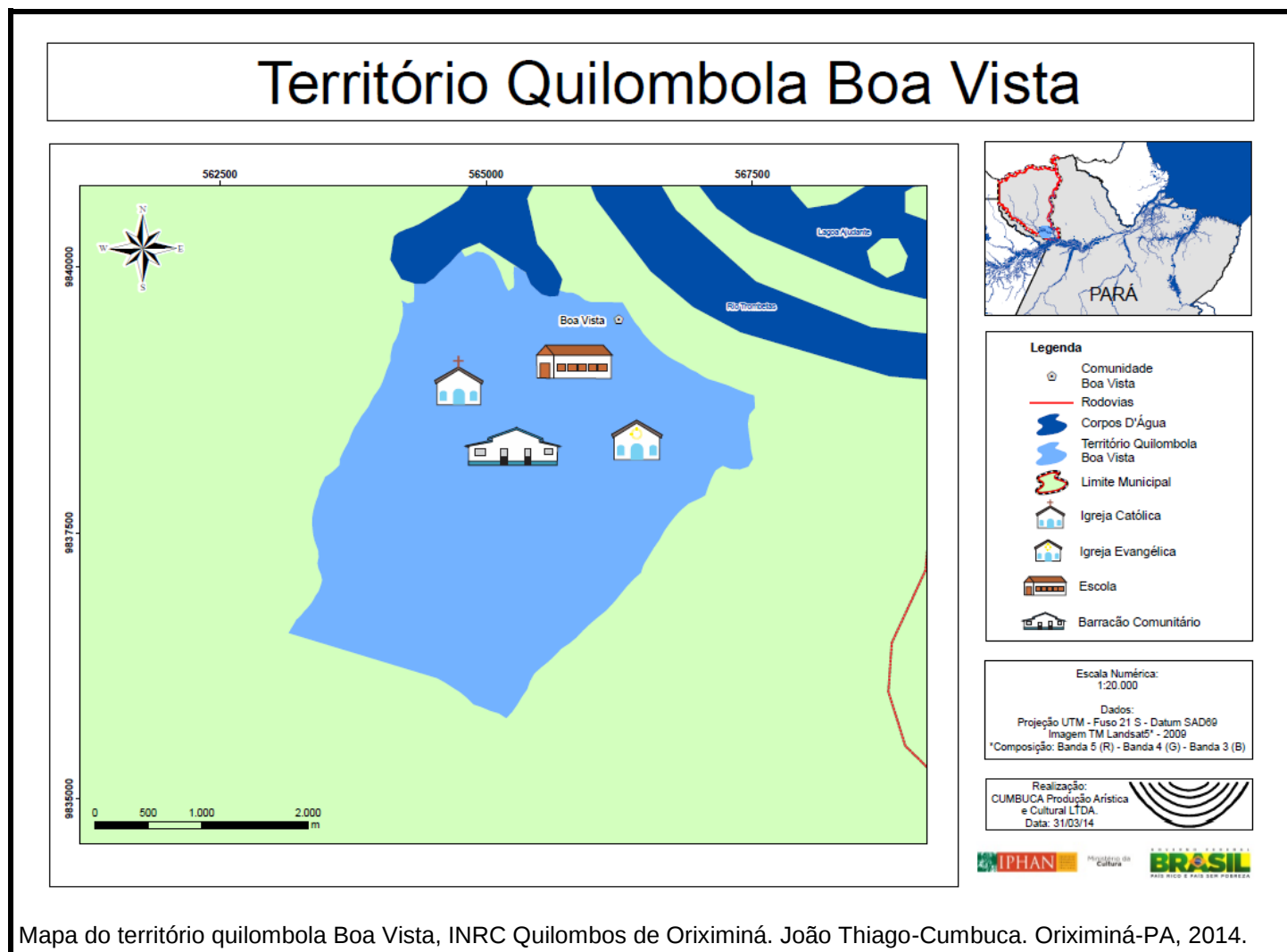
5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
Século XIX	Formação dos mocambos do Alto Trombetas, durante a segunda metade do século, seguida do descenso dos mocambeiros do alto das cachoeiras para as zonas mais baixas dos rios já no final do século, sobretudo após a abolição da escravidão em 1888.
1900	Henri Coudreau registra a presença de negros na localidade.
Década de 1970	Instalação da empresa Mineração Rio do Norte no município de Oriximiná, mais especificamente na cidade-enclave de Porto Trombetas.
1979	Criação da Reserva Biológica do Trombetas.
Década de 1980	Fundação oficial da comunidade de Boa Vista.
1989	Fundação da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná.
20 de novembro de	Titulação do Território Quilombola Boa Vista.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	04	14	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

1995	
------	--

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Neste item serão apresentados apenas os instrumentos que incidem destacadamente na localidade em questão. Na Ficha de Identificação de Sítio são mencionados todos os instrumentos que incidem em comunidades quilombolas de um modo mais geral, em âmbito regional e federal.

1. Constituição da República Federativa do Brasil 1988, em especial o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que dispõe sobre o direito de propriedade das comunidades remanescentes quilombolas sobre as terras que ocupam tradicionalmente;
2. Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	04	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

A comunidade do Boa Vista é altamente dependente da cidade de Porto Trombetas e há pelo menos quatro décadas sofre com problemas sociais decorrentes da assimetria em que a população local se encontra diante do núcleo urbano. Além dos passivos ambientais causados pelo empreendimento minerário, problemas sociais como prostituição, inclusive de menores, tráfico e consumo de drogas, abuso de álcool e aumento da criminalidade são frequentemente relatados na localidade.

É forte a desestruturação dos modos de vida tradicionais, associada à predominância da economia monetizada na localidade e ao abandono dos ofícios agrícolas, extrativistas e manuais, resultante em crescente dependência de produtos industrializados que precisam comprados na cidade.

A proximidade da cidade, por outro lado, traz determinadas comodidades em termos de serviços urbanos que poderiam ser aproveitadas na busca de alternativas à dependência econômica de Porto Trombetas, como, por exemplo, para o escoamento da produção artesanal desta e de outras localidades vizinhas.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Recomenda-se especial atenção às potencialidades de desenvolvimento dos artesanatos de barro e de madeira que são praticados na localidade. A comunidade conta com infraestrutura, conhecimentos técnicos e considerável capacidade de organização para incrementar a produção de objetos artesanais como atividade geradora de renda e de alta significação cultural e identitária.

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: *BIBLIOGRAFIA*

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PA	01	04	14	F11	01
	1 - Festa “cultural” 19 - Festa de São José 28 - Festas da Consciência Negra 29 - Festas Juninas 30 - Barracão comunitário 31 - Barracão de festa 34 - Casa de farinha 46 - Carimbó 53 - Desfeiteira 57 - Histórias de encantarias 60 - Lundu 62 - Mazurca 63 - Músicas de pau e corda 65 - Quadrilha 66 - Valsa 97 - Sítios arqueológicos 100 - Artesanato de barro 102 - Artesanato de madeira 105 - Artesanato de talas, palhas e cipós 106 - Culinária tradicional 108 - Medicina tradicional 111 - Modo de fazer beiju-cica 114 - Modo de fazer farinha de mandioca 118 - Modo de fazer tapioca 120 - Ofício de agricultor 121 - Ofício de benzedor/benzedeira e puxador/puxadeira 122 - Ofício de caçador 123 - Ofício de castanheiro 124 - Ofício de coletor de açaí 125 - Ofício de copaibeiro 128 - Ofício de parteira 129 - Ofício de pescador 130 - Puxirum 131 – Técnicas de construção tradicionais						
ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS							
ANEXO 4: CONTATOS	39. Elzanira Gonçalves Santos 97. Maria Zuleide Melo dos Santos						
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS							

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Aldo Luciano Lima, Elielma de Jesus Pires
SUPERVISOR	Ricardo Nei de Araújo

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	04	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REDATOR	Aldo Luciano Lima	DATA 10/04/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Luciana Gonçalves de Carvalho	